

Cinema: Woody Allen lança novo filme no Festival de Veneza • 3

SEGUNDO CADERNO

Fotografia: Livro revê carreira de Milton Montenegro • 8

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 1999

Bom de história

Sérgio Ricardo completa 50 anos de carreira e revê sua obra em show no Municipal

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

Acena, no Festival de MPB da TV Record, em 1967, ainda o persegue. Impedido de cantar a música "Beto bom de bola" por uma estrondosa vaia, Sérgio Ricardo quebrou o violão e jogou seus destroços sobre a platéia. Mais de três décadas depois, ao rebobinar os 50 anos de carreira, o compositor, cantor, pianista, ator e cineasta lembra de um episódio de sua infância, em Marília, interior de São Paulo, quando ainda se chamava João Mansur Lufti, que funciona como um curioso paralelo: o pai árabe, destruindo o alaúde. Aos 67 anos, Sérgio Ricardo comemora as cinco décadas de carreira com novo CD, "Quando menos se espera", que lança no próximo dia 15 no Teatro Municipal, junto com a peça sinfônica "João e Joana", cordel com letra de Carlos Drummond de Andrade. No evento, idealizado por Ricardo Cravo Albim e dirigido por Adonis Karam, Sérgio divide o palco com Chico Buarque, Elba Ramalho, Alceu Valença, Zélia Duncan, Telma Tavares e a filha Marina, além dos músicos Jurin Moreira, Bororó, Lui Coimbra, Zé Marcos e a orquestra sinfônica sob regência de Silvío Barbato.

• **MARÍLIA, SP:** A minha casa era musical por excelência porque minha mãe tinha uma voz afinadíssima, muito bonita e cantava na cozinha, no banheiro, em tudo que era lugar. Ela queria que os filhos fossem músicos. Meu pai, árabe, tocava alaúde e eu gostava muito de ouvi-lo, tinha uma enorme ternura por aquele instrumento. Não esqueço o dia em que ele, atormentado pelo fato de achar que toda vez que tocava chegava alguma notícia ruim das arábias, destruiu o instrumento para quebrar o "azar". Tinha uns 8 anos quando minha mãe nos levou, a mim e ao meu irmão, violinista da sinfônica hoje em dia, para estudar música. No conservatório de Marília, onde nasci, o professor nos apresentou ao piano e ao violino para que fizéssemos a escolha. Meu irmão escolheu o violino e eu, o piano, para surpresa de minha mãe. Comecei então a tomar contato com a música de verdade. De repente achei que já era músico, não tinha idéia da pedreira que

iria enfrentar. Aos 17 anos fui embora de Marília. Fui trabalhar na Rádio Cultura de Santos que era de um tio meu, Paulo Mansur. Não abandonava o sonho do piano. Meu tio arranjou uma boate, onde eu poderia praticar durante o dia. Algum tempo depois o dono da tal boate me convidou pra fazer um trabalho à noite.

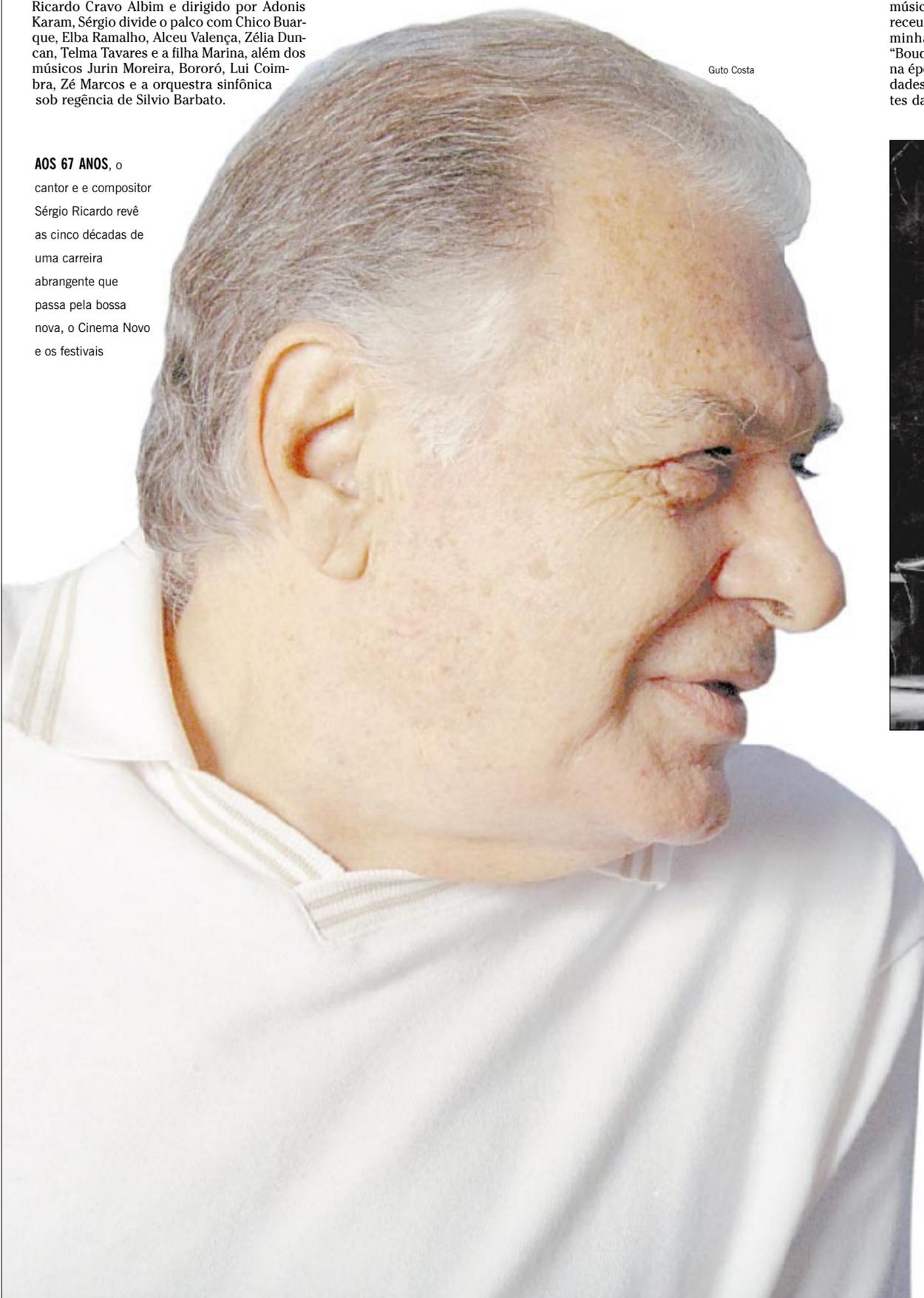
• **RIO DE JANEIRO:** Quando me mudei para o Rio continuei a estudar piano, na Escola Nacional de Música, e retomei os estudos de teoria e solfejo só para ter um professor no meu pé. Comecei a procurar trabalho nas boates e um dia soube pelo Newton Mendonça que iria abrir uma vaga de pianista na Boate Posto 5, justamente no lugar do Tom Jobim, que estava deixando a noite. Cheguei lá para o teste, o Tom estava no piano, não o conhecia mas já tinha ouvido falar muito dele através de músicos. Ainda não atentava para harmonia, não era um aficionado em

acordes. Tom anunciou muito gentilmente o meu nome, naquela época ainda João Mansur, sentei-me no piano e toquei tudo que sabia. Depois do teste ele me elogiou muito mas disse que eu deveria cuidar mais das harmonias. Começou a me mostrar no piano várias harmonizações e formas diferentes para "Feitiço da Vila", de Noel Rosa. Fiquei maravilhado com aquilo. Com o Tom, descobri um novo universo. Fui aprovado no teste e assumi o lugar dele. Trabalhei algum tempo lá e depois passei por tudo que era boate do Rio e de São Paulo durante uns dez anos da minha vida. Comecei a cantar por acaso na boate Chez Colbert, quando a dona me pegou cantarolando durante um ensaio. Disse que minha voz era bonita, que eu era cantor e não sabia. Resisti muito mas mesmo assim a mulher me botou pra cantar. No que comecei a cantar, comecei a compor. E o cantor agradou muito mais do que o pianista. Nessa de cantar comecei a mostrar umas músicas que vinha compondo. Até que apareceu a Maysa e se entusiasmou com uma de minhas canções e acabou gravando. Foi "Bouquet de Isabel", que fez muito sucesso na época. A partir daí surgiram as oportunidades para começar a gravar. Isso tudo antes da bossa nova. *Continua na página 2*

Guto Costa

AOS 67 ANOS, o

cantor e compositor Sérgio Ricardo revê as cinco décadas de uma carreira abrangente que passa pela bossa nova, o Cinema Novo e os festivais



6-9-66

SÉRGIO RICARDO em 1966, um ano antes de se desiludir com os festivais da canções e quebrar o seu violão: mais de 30 anos depois, o polêmico episódio ainda é uma referência na vida do artista

Teatro carioca frente a frente com o espelho

Domingos Oliveira entrevista Fernanda Montenegro em abertura de seminário, esta noite, no Planetário

Adriana Pavlova

Como vai você, teatro carioca? Tendo como meta este diagnóstico um tanto quanto intrincado, a Secretária municipal de Cultura com o auxílio luxuoso do diretor/ator/cineasta Domingos Oliveira dá início esta noite, no Teatro do Planetário da Gávea, ao seminário "Será o teatro uma rede?" As discussões em torno do atual momento teatral na cidade (e no Brasil), suas dificuldades, políticas e estéticas, dão início a uma série de eventos da Rede municipal de Teatros. Serão seis encontros até dezembro, com convidados especiais sendo entrevistados sobre um tema por diretores, atores, autores, políticos e jornalistas. Nomes como Sérgio Britto, José Celso Martinez Corrêa, Marco Nanini e Paulo José estão confirmados.

Secretária de Cultura participa da abertura

Para começar um evento tão ambicioso nada melhor do que a primeira dama do teatro brasileiro. Fernanda Montenegro falará sobre a arte do ator numa entrevista comandada por Domingos. Um pouco antes, às 20h, o diretor e a secretária municipal de Cultura, Helena Severo, farão a abertura oficial do evento, que neste primeiro dia será para convidados. O público poderá acompanhar tudo por um telão fora do teatro.

— A finalidade é apresentar ao grande público o funcionamento da Rede municipal de Teatros, que congrega teatros e lonas culturais de toda a cidade — diz a secretária, res-



DOMINGOS DE OLIVEIRA e Helena Severo: seminário, programa de TV, revista e festival vão mostrar atuação da Rede municipal de Teatro

ponsável pela criação, em 1994, deste sistema de organização dos teatros, no qual diretores atuantes no cenário das artes cênicas passaram a comandar as casas de espetáculos. — Começamos com o seminário que é para discutir o teatro em si, para, em seguida, fazer um documentário sobre as artes no Rio, um festival de teatro a preços populares no Carlos Gomes em janeiro e

fevereiro e ainda uma revista com a programação cultural da cidade.

Diretor do Teatro do Planetário — um dos membros da Rede — Domingos acredita que as discussões vão girar em torno de dois pontos: estético e político.

— Para arejar e promover uma discussão bem maior, o formato adotado foi convidar sempre dois diretores da Rede

e convidados de fora. Em alguns casos também vamos exibir em vídeo os depoimentos de diretores de outros estados, gente como Antunes Filho — explica ele, fazendo questão de dizer que está muito nervoso com a tarefa desta noite. — Sou tiete da Fernanda desde criança. Ela e o Chico Buarque são as duas únicas pessoas do mundo com quem eu não fico normal: começo a

gaguejar e minhas mãos ficam frias. Estou muito nervoso.

Depois da estréia com Fernanda, o seminário continua sempre com duas sessões mensais, às segunda-feiras. No dia 20 será a vez de Jorge Dória e Sérgio Britto serem entrevistados por Domingos, Tônia Carrero, Wolf Maya e Luiz Fernando Vianna (do GLOBO) sobre o tema "Ator: arte ou exibicionismo". ■

Programação

• **6 DE SETEMBRO:** Domingos Oliveira entrevista Fernanda Montenegro.

• **20 DE SETEMBRO:** "O ator", com Jorge Dória, Sérgio Britto, Domingos Oliveira, Wolf Maya, Tônia Carrero e Luiz Fernando Vianna.

• **6 DE OUTUBRO:** "O diretor", com João Falcão, Dudu Sandroni, Domingos Oliveira, Moacyr Góes e Marco Nanini.

• **11 DE OUTUBRO:** "O autor", com Mauro Rasi, Domingos Oliveira, Sábato Magaldi, Alcione Araújo, Joaquim Assis e João Bethencourt.

• **1º DE NOVEMBRO:** "Teatro é chato e TV: São inimigos ou aliados?", com Moacyr Góes, Paulo José, Domingos Oliveira, Maria Padilha, Sérgio Britto e Antonio Abujamra.

• **8 DE NOVEMBRO:** "Teatro é chato e TV: José Celso Martinez Corrêa, Aderbal Freire Filho, Gerd Bornheim, Pedro Cardoso e Luiz Carlos Maciel.

• **6 DE DEZEMBRO:** "Política cultural", com Helena Severo, Adriano de Aquino (secretário estadual de Cultura), Dudu Sandroni, Eduardo Wotzik e Antônio Grassi.

SEDE

PARQUE GRÁFICO

BOM DE HISTÓRIA • Continuação da página 1

Na convivência com João Gilberto, o primeiro contato com a bossa nova

Nas vaias no Festival da Record, a revolta: 'Vocês são uns animais!'

• **TV:** Um dia o irmão do Grande Otelo cismou que eu deveria fazer um teste como ator, para um filme que ia ser rodado em breve. Ele me achava fotogênico, achei aquilo engraçado e fiz assim meio de brincadeira. Passei em primeiro lugar mas a produtora do filme pegou fogo e o projeto não foi realizado. Fiquei com essa idéia na cabeça porque elogiaram muito a minha naturalidade, o meu jeito de atuar. Mais tarde o Pedro Anísio, grande escritor de novelas, me levou para fazer um teste na TV Rio. Passei e virei galã de novela e teleteatro por um bom tempo. Vivía entre a TV, durante o dia, e a boate, à noite. Até surgir a bossa nova.

• **BOSSA NOVA:** Nessa ocasião já estava fazendo um programa na TV Continental e o Miêle era meu diretor de estúdio. Foi ele quem me apresentou a Ronaldo Bôscoli, Nara Leão e vários outros. Já era amigo de longa data do João Gilberto mas não o via há algum tempo. Quando dei por mim ele era o centro do movimento. Conheci o João nas boates, ele já fazia aquela batida de violão. Já era um gênio naquela época, estava "se preparando". Me ensinou a batida mas nunca consegui tocar o violão como ele porque é uma coisa só dele mesmo. Comecei a aparecer em público com a bossa nova e aí já estava no violão para poder mostrar minhas canções que tinham tudo a ver com a bossa. Isso até o lançamento de "Zelão", que foi

uma espécie de rompimento ideológico radical com o movimento.

• **CINEMA:** Já misturando o negócio de televisão e o desejo de fazer cinema consegui finalmente realizar o meu primeiro filme, "O menino da calça branca", que foi muito premiado. O pessoal do Cinema Novo acabou me agregando ao movimento. Gostava muito de fazer as trilhas sonoras dos meus filmes até que Glauber Rocha me chamou para musicar "Deus e o diabo na terra do sol". Essa trilha fez tanto sucesso que a partir daí passaram a me convidar para vários trabalhos.

• **A ARTE NO BREJO:** O cinema e a música hoje, tudo ficou muito difícil. O mundo deu uma virada cultural muito grande. Só existe essa coisa de Hollywood que virou uma coisa de massa. A arte foi para o brejo. Nós que queremos fazer uma coisa mais elaborada viamos eruditos. Erudito na minha época era Chopin, Beethoven. Hoje sou eu.

• **O VIOLÃO QUEBRADO:** Trocando em miúdos, o episódio do violão foi resultado de uma inaceitação do sistema de comunicação das televisões na época. A música virou um espetáculo de arena, nós éramos jogados aos leões para sermos comidos em público. Era um tal de cantor cantar chorando, sendo vaiado e aplausos para músicas fracas. Uma música como "Eu e a brisa", obra pri-

ma do Johnny Alf, foi desclassificada e hoje é um clássico. Estava tentando defender a minha música, "Beto bom de bola", a vaia comendo e eu pedindo silêncio. Comecei a ver que a vaia não ia parar e disse: "Vocês venceram. Mas eu sei o que é isso. Isso é um país subdesenvolvido, vocês são uns animais!" Quando olhei para o banquinho do meu lado, pensei: "É agora!" No ato pintou a coisa totalmente espontânea, quebrei a porra do violão e joguei na platéia. Depois disso recebi uns dez violões de presente, distribuí para os amigos que estavam precisando de instrumento e parti para o meu cinema. No ano seguinte acabei voltando aos festivais e o pessoal adorou a música "O dia da graça", que não tinha comparação com "Beto bom de bola". Justamente nesse festival foi a vez de o Caetano enfrentar as vaias da platéia com um discurso tão revoltado quanto o meu.

• **CHICO BUARQUE:** Esse é o grande fenômeno. Chico é um marco importantíssimo da nossa música, a cabeça mais lúcida da música popular brasileira. Quando ele surgiu conhecia bem a bossa nova, gostava de nós todos mas também ouvia muito Noel e Pixinguinha. Era muito além da bossa nova. Estou falando só da música porque de letra, nem se fala. É o grande amigo da gente. É o amigo da arte. ■

MARIO ADNET: é compositor e arranjador

Garage celebra dez anos com safra hardcore

Sheik Tosado e Los Hermanos tocam no templo underground

Mario Marques

Das das revelações das últimas edições do Abril Pro Rock, em Recife, o pernambucano Sheik Tosado e o carioca Los Hermanos, unidos pela religião hardcore, apresentam-se hoje, às 23h, no Garage. A noite, que celebra os dez anos do lugar, templo carioca do underground, na Praça da Bandeira, terá também outro destaque da atual cena roqueira, o trio Autoramas, que recentemente destilou vigor no Porão do Rock, festival de Brasília, além do grupo Carbona.

Los Hermanos mostram repertório do CD de estréia

O disco de estréia dos Los Hermanos, "Azedume", prestes a sair pela Abril Music, vem sendo aguardado com expectativa. Os caras trituram hardcore e baladas com letras de teor romântico, desilusões, encontros, grandes paixões. O single de "Anna Julia" acaba de ser lançado, guitarra alinhada com a cena Californiana, melodia penetrante.

Já o grupo Sheik Tosado, com seu "Som de caráter urbano e de salão", vem arregimentando público por todo o Brasil. Na arrebatadora apresentação do Porão Rock, firmou seu prestígio como uma das melhores novas bandas de rock ao vivo. Encarna, com os irmãos Bruno (guitarra) e China, o hardcore-metal pernambucano visceral, agregando frevo, maracatu e forró. ■

RIO FANZINE

13 ANOS

GROOVERIDER
+ MC GQ - 11 DE SETEMBRO

SÁBADO - BUNKER 94
A PARTIR DAS 23H

PISTA 1 NEPAL • YANAY CALBUQUE • MURILLO MARKINHOS MESQUITA
GROOVERIDER + MC GQ

PISTA 2 ANA KAZZ • DUDU DUB • ZIGGY • PERICLES RICARDINHO NS • PISTA 3 DA LUA • LARIÜ • NEGRALHA DODÔ • MARCELO D 2

bunker 94
RUA RAUL POMPÉIA 94 - COPACABANA - TEL 521 0367

R\$ 15 (ANTECIPADO NAS LOJAS ELLUS - RIO SUL, BARRASHOPPING, CENTER TIJUCA E SHOPPING IGUATEMI)

R\$ 18 (COM FLYER) - R\$ 20 (SEM FLYER)

PROMOÇÃO APOIO

O GLOBO
COMUNIDADE

► Desligue seu celular no cinema.

SEGUNDO CADERNO

EDITOR: Arnaldo Bloch (arnaldo@oglobo.com.br)
SUBEDITORES: Carla Lencastre (carla@oglobo.com.br) e Luiz Fernando Vianna (lfianna@oglobo.com.br)
Telefone/Redação: 534-5000
Publicidade: 534-5500

Correspondência: Rua Irineu Marinho 35 - 2º andar. CEP: 20233-900

A
B
D
E
G
H